

PERSPECTIVAS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

Lucrécia Gomes Souza - Graduanda- UESPI
Francidéia Gomes Sousa de Carvalho -UESPI

RESUMO

O estudo Perspectivas e Desafios da Formação do Professor de História em Parnaíba/PI, com base teórica em Circe Bittencourt na formação da história social. A formação do professor de história oscila devido à existência de clivagens e conflitos inerentes ao currículo proativo, instituído pelo poder educacional e o currículo interativo, praticado na sala de aula. Nesta perspectiva, considerando os limites dessa abordagem, a metodologia utilizada é a pesquisa ação com observação participativa em aulas, fazendo uma análise dialética das mudanças e continuidades do conhecimento histórico escolar contido nos documentos oriundos do poder educacional e nas reais articulações com o currículo interativo, vivenciados por professores e alunos em seu cotidiano escolar. Observamos atenção destacada às disciplinas teóricas em detrimento das disciplinas referente às práticas pedagógicas. Há necessidade de um diálogo coerente da formação do professor de História com o Ensino de História, uma vez que existem poucas pesquisas voltadas ao Ensino de História, por parte daqueles que constroem a historiografia. É importante que o Ensino de História seja um inserido no campo da História, sendo mais um domínio dentre tantos explorados pela historiografia nacional e regional para a formação do profissional de História, diminuindo o distanciamento da formação inicial com a prática do ensino de História. O estudo está em andamento, é importante continuar as observações da prática pedagógica para desenvolver uma discussão construtiva das práticas pedagógicas aplicáveis ao Ensino de História hoje, desenvolvendo, além da análise documental das ementas, objetivos e referências propostas para as disciplinas e Planos de Curso.

Palavras - chaves: Ensino de História, Formação Inicial, Currículo Interativo, Ação Docente.

Introdução

A pesquisa propõe um estudo sobre a formação do professor de história no ensino médio. Neste sentido, enfatiza-se a formação inicial que na atualidade é introduzido o estudo interdisciplinar nas universidades, focando as práticas cotidianas nas escolas, na busca de uma construção coletiva, numa diversidade de abordagens, com perspectivas teóricas, sociais, econômicas e culturais.

Abordar as questões da formação do professor de história, deve-se primeiro compreender as dinâmicas sociais, significa tocar no âmago dos inúmeros problemas que a educação brasileira vem vivenciando a cada dia com maior intensidade. Deve-se refletir sobre a dinâmica social e a sua relação direta com o processo de formação e atuação profissional do professor, pois esta dinâmica, composta por questões sociais, políticas, econômicas, culturais, além dos conflitos e contradições, das lutas de classes, que resultará diretamente na formação do alunado que temos nas escolas hoje e que os professores se relacionam no seu dia-a-dia em sala de aula.

A sociedade se encontra culturalmente multifacetada, as diferenças existentes são produto de uma sociedade que é permeada pelas mais diversas realidades sociais, fruto de um contexto histórico construído sobre alicerces sociais discriminatórios e excludentes, onde os valores das camadas dominantes sempre estiveram em primeiro plano, impedindo a construção de uma sociedade fundada na diversidade e na democracia.

O ensino de história hoje exige a interdisciplinaridade na tentativa de aprofundar o conhecimento necessário para o bom exercício na área de história, pois para conhecer a disciplina de história o discente necessita de anos de estudo, algo que torna sua formação lenta e exige o estudo continuamente. A formação de professores de história busca suporte em outras áreas, como língua portuguesa, matemática, ciências, geografia, artes, filosofia, economia, didática, sociologia, o que justifica a interdisciplinaridade.

Sobre esse aspecto, BORGES apud GUIMARÃES (2001) observou que a formação universitária de professores de história é demorada e supõem que o professor conheça muito bem, como é produzida essa forma de conhecimento, pois deste modo "estará ele em condições de evitar um ensino repetitivo e memorizado em defesa da cultura, pautando ao acesso do conhecimento por meio, por exemplo, de realização de

leituras e participação de congressos". E trabalhar por este ângulo é trabalhar a história de uma forma, reconhecendo que nela existe toda uma diversidade de abordagens, fazendo do passado uma leitura com termos de referências recentes que abrangem o hoje e o agora, com perspectivas sociais teóricas, ou uma concepção de mundo.

Por isso mesmo é introduzido o estágio na academia, como sendo essencial para a formação do professor que necessita de um forte embasamento teórico, que propicie um olhar investigativo, crítico e reflexivo sobre o contexto escolar. Mantendo um contato direto com a realidade da escola, focando as praticas cotidianas da sala de aula, com diferentes enfoques na pratica educativa, ampliando os trabalhos interdisciplinares redigidos com colegas e professores da universidade, incentivando-os e colocando-os em pratica na escola.

Dessa forma a didática tem um desafio, já que ocupa um lugar de destaque na formação de educadores, especialistas e professores numa perspectiva multidimensional, porque a educação perpassa todos os setores da sociedade, desse modo, a educação deve assumir um elo entre escola e sociedade numa visão global e informatizada, capacitando os formados com vistas a sua vida pessoal e profissional.

Por isso, o professor de história deve ter como objetivo a preocupação com a formação crítica e reflexiva, voltando-se para a compreensão do processo histórico na busca de um ensino que venha romper com as amarras do tradicionalismo, da decoreba, buscando uma escola que trabalhe com a realidade do aluno, permitindo desse modo trabalhar com a memória e a visão critica no local em que vive.

Diante do exposto, a formação do professor de história deve primar principalmente à abordagem de tempo social marcado pela pluralidade de ritmos, acontecimentos, bem como as constantes rupturas, deve conservar a ele a noção de tempo histórico não apenas como tempo cronológico, linear e progressista.

A formação do professor de história oscila porque há clivagens e conflitos inerentes entre o currículo proativo, que é instituído pelo poder educacional e entre o currículo como praticado na sala de aula, o currículo interativo (GOODSON apud BITTENCOURT,2010). Nesta perspectiva, considerando evidentemente os limites dessa abordagem, buscamos analisar as relações, mudanças e continuidades do conhecimento histórico escolar contido nos documentos oriundos do poder educacional e nas reais articulações com o currículo interativo, vivenciados por professores e alunos em sala de aula.

Nessa perspectiva, as individualidades que também representam as diferenças culturais existentes em determinadas sociedades. Não valorizar essas diferenças que cada aluno traz consigo, num processo de ensino e aprendizagem seria, no nosso entendimento, um modo de encaminhar os sujeitos para a exclusão.

Problema/questões

O estágio é que proporciona pensar sobre as próprias experiências pessoais e profissionais de maneira coletiva para que possamos construir junto uma nova identidade de professor de história. (GOMES, 1992) é defensor de um professor como prático, autônomo, que reflete, toma decisões e cria durante a sua própria ação, o que ele chama de diálogo reflexivo. São nas aulas de prática de ensino que o professor pode enunciar suas vivências em sala de aula e partilhar os saberes que lhe possibilitem desempenhar os papéis de formadores e formandos.

Dentro da abordagem de que o estágio é a atividade teórica instrumentalizadora da práxis (PIMENTA, 1994, p.121), é que pretendemos fundamentar e justificar a dinâmica dessa disciplina que tem o trabalho como eixo articulador entre teoria e a prática. Durante o estágio é que, vai se ensaiar a teoria e executar na prática o que se aprendeu durante a jornada longa que se percorre na academia.

É nesse momento que entre o conhecimento histórico tem como primeiro objetivo a compreensão dos processos educacionais e dos sujeitos históricos, o desvendamento das relações que se estabelecem entre os grupos humanos em diferentes tempos e espaços. Os historiadores estão atentos às múltiplas possibilidades e alternativas que se apresentam nas sociedades, tanto nas do passado quanto nas de hoje, as quais surgiram da ação consciente ou inconsciente dos homens. Procuram apontar, também, as consequências que se impuseram com o desenrolar das ações desses sujeitos em sociedade.

Geralmente a formação do professor de história começava e terminava no curso de graduação, o que não se aceita mais hoje, apesar dos percalços. Esse profissional como tantos outros se envolvem com encargos familiares, com a luta pela sobrevivência e quase sempre não lhe sobra tempo e nem dinheiro para investir em sua qualificação profissional. O seu cotidiano é preenchido com inúmeras tarefas, seu viver é fragmentado, os embates das preocupações com família e progresso cultural dilaceram

seu ser. O professor de história é marcado pela ambiguidade, da vida, da profissão, dos fatos históricos geralmente.

A formação do professor de História, a partir das problemáticas contemporâneas, como selecionar os conteúdos significativos por meio da escolha de temas que respondam a esses problemas, localizar o lugar da disciplina de História e do professor no processo de reformulações curriculares. Desse modo, também seria interessante pesquisar algo que pudesse, de certa forma, elucidar algumas questões pertinentes à prática pedagógica do professor de história na atualidade, momento esse de transição de comportamento desse profissional, que exige inúmeras possibilidades no exercício de sua função como historiador tanto quanto professor efetivo exercício em sala de aula, e a relação equívoca do que é colocado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, da atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e da conjuntura do contexto histórico da sociedade em que estamos inseridos.

Um bom professor de História não nasce com a graduação, sabe-se bem disso, os veteranos que atuam em sala de aula. Para se tornar um bom professor de história requer pesquisas e alguns anos de prática. Sabendo-se dessas peculiaridades, é que se fez necessário realizar um estudo com professores que atuam com primazia no ensino médio, para compreendermos o diferencial que deve existir na formação do professor de História no Ensino Médio hoje. Daí realizar com esses profissionais uma pesquisa-ação, no intuito de divulgar as boas experiências para colaborar com a formação de futuros novos profissionais da História. Por isso mesmo é que se pergunta que métodos de ensino se utiliza o professor de História na atualidade?

Metodologia

Uma pesquisa nos modelo da ciência histórica demanda também a delimitação da pesquisa dentro das abordagens, dimensões e domínios do campo histórico conforme aponta BARROS(2004). A abordagem diz respeito ao tratamento das fontes e campo de observação. Esta pesquisa se utilizará da história Imediata, bem como perpassando pela história local. Tendo como dimensão a História Social, visto que, se trata da formação de professores na perspectiva da sociedade atual. Recaindo no domínio da história das ideias e história dos homens, haja vista que esses domínios influenciam na concepção de mundo do profissional em formação.

A natureza da pesquisa é do tipo aplicado, ou seja, uma pesquisa de campo (pesquisa ação).

Quanto à abordagem do problema a pesquisa se insere no tipo qualitativo, pois considera que há uma relação do mundo real com o sujeito, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e subjetivo do sujeito que não pode ser traduzido em números.

Para a análise dos dados obtidos com a pesquisa-ação sugere-se o método dialético que se fundamenta na dialética de proposta Karl Marx e Gadotti, na qual as contradições se transcendem dando origem a novas contradições que passam a requerer solução. É um método de interpretação dinâmica e totalizante da realidade.

Resultados Encontrados

É imprescindível que seja feita uma pesquisa empírica dispondo as experiências e vivências da sala de aula, para que se tenham resultados lógicos, porque na pesquisa ação se percebe mais claramente o teor das respostas obtidas, não como verdades absolutas, mas o mais próximo possível da verdade.

A pesquisa iniciou com três profissionais que atuam em sala de aula de história, com experiência de nove a doze anos no ensino fundamental, médio e superior, formados na Universidade Estadual do Piauí. Ambas ensinam em escolas públicas, sendo uma a Escola Estadual de Tempo Integral. Também realizamos observações de aulas de um professor formado recentemente em História e de estagiários que estão em processo de formação.

Iniciaremos a análise do material da entrevista com os profissionais com experiência na área:

a)Matriz analítica I

Perguntamos se o ensino de História segue as orientações dos PCNs, a professora Teresa diz o seguinte:

O ensino de História segue orientações dos PCNs em parte, porque essas orientações são seguidas no que se relaciona a questões metodológicas e fontes. No entanto, no que se refere aos eixos temáticos e os subtemas propostos para cada ciclo, isso não acontece em sala de aula. O que observamos é que as propostas curriculares do ensino fundamental e médio correspondem à divisão das disciplinas do curso superior.

A professora Teresa questiona o fato do ensino de história não seguir completamente as orientações dos PCNs, seguir a uma divisão que é proposta na academia. O ensino de história segue orientações dos Parâmetros curriculares nacionais apenas ao que se refere às questões metodológicas e fontes.

Dessa forma, observamos que de certa forma BITTENCOURT (2010) tem razão ao afirmar que existem aproximações e distanciamento do que é ensinado na sala de aula com o que é proposto na academia durante a formação inicial do professor.

Esse distanciamento se evidencia com o fazer histórico e o fazer pedagógico, é evidente esse desafio na formação do professor, mas é necessário à formação do professor de História, que são transposição didática dos conteúdos, do procedimento histórico, e também da relação entre as inovações tecnológicas e o ensino de História. A transposição didática do procedimento histórico, o que se procura é algo diferente, que é a realização na sala de aula do próprio historiador, saber articular os elementos constitutivos do fazer histórico com o fazer pedagógico.

Então, quando falamos da distancia do conhecimento acadêmico para o conhecimento que deve ser passado em sala de aula, envolve a condição de o professor ter formação inicial e continuada para propor essa relação, é o que diz Francidéia: “O professor tem um papel importantíssimo na construção do conhecimento, selecionar conteúdos, selecionar estratégias didático-pedagógicas, mediando para que haja uma aprendizagem significativa”.

Circe Bittencourt afirma que existe um distanciamento do que é proposto pelo currículo proativo ofertado na graduação e do currículo interativo proposto na sala de aula, no entanto em nossa pesquisa a professora Dalva comenta o seguinte: “não há esse distanciamento, seria diferente se na sala de aula fosse seguido às orientações dos PCN’s e se trabalhasse a história a partir dos eixos temáticos”.

O mesmo é colocado pela professora Maria quando afirma:

O currículo do ensino de História propõe superar barreiras há muito tempo existentes, como compartimentação e descontextualização do conhecimento, superar um currículo conteudista que em nada contribui para o desenvolvimento das competências que deem suporte ao aluno para que ele se reconheça parte do processo ensino aprendizagem e intervinha criticamente em sua realidade histórico cultural.

Os PCN’s pregam um currículo descompartmentado, contextualizado, não conteudista, no entanto, na graduação ainda se continua trabalhando um currículo

compartimentado, descontextualizado, com raras exceções metodológicas resultados de uma formação continuada e atualizada de alguns professores que cursaram especializações, mestrados e doutorados. Mas a grande maioria reproduz um currículo atrasado por uma série de motivos que os impedem de continuar se atualizando. Formado, o professor de História, como muitos outros, envolvem-se com encargos familiares, com lutas pela sobrevivência e quase sempre não dispõe de tempo e nem dinheiro para investir em sua qualificação profissional.

Muito são os embates que levaram ao enfrentamento das questões, principalmente em duas vertentes, a modernização dos currículos do Ensino fundamental, médio e superior e atualização dos professores de História, nessas discussões está presente à necessidade de mudanças com o objetivo de superar o ensino tradicional.

Desse modo, podemos entender que a execução do que é proposto no currículo proativo e o currículo interativo não está diretamente relacionado com a formação inicial, mas com a formação continuada desses profissionais, além de envolver outras instâncias, como valorização do magistério e condições estruturais melhores para as escolas públicas.

Essas questões estão diretamente relacionadas com as condições dignas dos profissionais da educação, espera-se o professor de História seja o promotor da união entre a competência acadêmica (com domínio dos saberes) e a competência pedagógica (domínio da transmissão do saber), aliando a competências, convicções e experiências de vida (Soares apud Bittencourt).

No que se refere aos livros de teoria e metodologia da História, é possível colocarmos uma série de questões que não estão vinculadas ao ensino de História como uma área de atuação específica ou mesmo como objeto de pesquisa, de estudo e de reflexões por parte dos historiadores, mesmo que seguramente a maioria dos autores tem exercido ou exerçam a docência.

Podemos observar também no texto do Fernando Braudel intitulado Pedagogia da História que faz uma reflexão sobre a atuação dos professores de História. Contudo dentre os autores que frequentam as listas de bibliografia dos programas das disciplinas da área de teoria e metodologia, são possivelmente os únicos exemplos, como José D' Assunção Barros, em seu livro "O campo da História, não inclui o ensino da História o dito campo. A História de Fernand Braudel, sobre a História de Eric Hobsbawn, além da de Jacques Le Goff, dentre outros podem vir a ter o ensino de História como um tema,

mas um tema transversal em termos de lembranças e experiências pessoais. Apesar do cabedal de teoria que é oferecido na formação acadêmica, os profissionais ao chegarem em sala de aula, como reza os textos e pesquisas próprias do ensino de História são costumeiramente esquecidos durante as disciplinas. Não queremos de maneira nenhuma desqualificar a atuação destes profissionais, o que se pretende é ressaltar a pouca atenção que a área do ensino de História recebe pelos que fazem a historiografia, aqueles que abordam especificamente nos campos da teoria e até da epistemologia do conhecimento histórico, no internacional, nacional e regional.

Por isso, a discussão em torno do distanciamento e aproximação do currículo proativo e do currículo interativo que faz Circe Bittencourt em seu livro “O saber Histórico na sala de aula”.

Todos os autores acima mencionados foram ou são professores de universidades, com trabalhos reconhecidos, e em algum ponto de suas carreiras se defrontaram com questões relativas ao ensino de História.

Existe na própria academia uma discriminação com as disciplinas ditas “pedagógicas” que são voltadas para o ensino de História, ou seja, deve coexistir um diálogo coerente da teoria historiográfica com o ensino da História.

As metodologias voltadas ao ensino de História resultam em aplicação de uma didática que facilite a aprendizagem e ofereça um ensino de qualidade na escola pública. As sugestões que são dadas por BITTENCOURT(2010), são de certas excelentes, ainda mais unidas às orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Faz-se necessário, ainda a inserção de mais um instrumento de observação para que tenhamos resultados mais concretos no que diz respeito às metodologias utilizadas por estes professores. Pretende-se com isso, realizarmos filmagens das aulas desses profissionais, para fazermos uma discussão com base nos parâmetros curriculares e Circe Bittencourt, inserindo desse modo um conhecimento sólido das práticas didáticas que dão certo para o Ensino de História.

b) Matriz analítica II

Para fazer à análise das aulas observações, tomou-se como critérios os seguintes pontos:

Critérios a serem observados	sim	não
O professor de história a formação da cidadania associada explicitamente à cidadania política e humanística uma das finalidades dos PCN's;		

No desenvolvimento do processo de estágio do ensino de história a relação da formação na graduação (currículo proativo) e a prática no currículo interativo, na sala de aula;		
No trabalho realizado pelo professor de história há características que visem a formação de identidades nos educandos;		
Utiliza os fundamentos metodológicos aplicados na pesquisa histórica para buscar o aprofundamento dos conceitos;		

Nas observações realizadas percebemos que ambos desenvolvem ações voltadas a formação da cidadania e humanística. Mas com relação á interação do currículo proativo e o currículo interativo, apenas o professor Pedro conseguiu fazer um paralelo dos conteúdos ministrados em sala de aula e o que foi estudado na graduação (conhecimento histórico), conta com uma larga experiência de sala de aula, além de ter saído da graduação de História recentemente.

Os professores que foram observados no estágio, de certa forma não tinham maturidade ainda para fazer essa relação entre os com desenvoltura, até porque eles estavam mais preocupados com o controle da disciplina e do método utilizado.

Muitas das pesquisas atuais sobre formação docente insistem sobre a necessidade de partir de uma reflexão fundamental sobre a profissão docente para além do campo estritamente acadêmico, como explica NÓVOA (1992, p.25):

Urge com isso (re) encontrar espaços de interação entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se dos seus processos de formação e dar-lhes um sentido no quadro da sua história de vida.

Quando falamos da formação de identidades não foi observado em nenhum momento da aula atitudes por parte dos profissionais de história, que pudessem viabilizar a participação do educando para expressar sua opinião com liberdade de expressão. Quem desenvolveu atividades que garantiria a participação mais concreta foi a professora Isabel. Que por meio de debates em grupo mobilizou a participação.

Daí ser preciso pensar sobre as próprias experiências pessoais e profissionais de maneira coletiva para que possamos construir junta uma nova identidade docente, para assim termos habilidades para favorecer a construção de identidades em nossos alunos.

A observação do critério fundamentos metodológicos aplicados na pesquisa histórica para aprofundar os conceitos, identificamos em todas as aulas fundamentos teóricos que garantisse o domínio de conteúdo e evidentemente a construção de conceitos.

Conclusões

Não pode haver bons profissionais em História que não trafeguem seguramente no terreno da teoria e metodologia. Portanto, é bastante lógico imaginar que esta área também verse sobre este campo de atuação dos historiadores que é o magistério. É no estágio que se inicia essa construção desse profissional, a aplicação da teoria transformada em prática pedagógica.

No que podemos observar nas entrevistas realizadas, o currículo do curso de história na academia é que está ainda nos moldes tradicionais, visto que necessita ser reorganizado para melhor dialogar com as orientações dos PCN's, uma vez que as formações em nível de mestrado no Estado do Piauí exploram demasiadamente temas relacionados à História Cultural, mas nada especificamente para o ensino de História, a exemplo do que ocorre na historiografia nacional. Desenvolver pesquisa voltada para a prática do Ensino de História no ensino médio, observando as orientações dos PCN's é a proposta de continuidade deste estudo, de modo mais extenso e profundo com uma amostra mais consistente, obedecendo ao modelo da pesquisa ação. As observações foram excelentes para pontuar as perspectivas e desafios da formação do professor de História. Logo, percebe-se como um docente por meio das tentativas com sucessos e fracassos nas escolhas das atividades planejadas para ministrar aulas, vão se formando com identidades próprias e mais abertas, ou seja, uma nova leva de profissionais de História está sendo colocados no mercado com maiores possibilidades de sucesso.

Recomenda-se ainda que, o Ensino de História seja inserido no campo da História, sendo um domínio a mais dentre tantos explorados na historiografia nacional e regional para a melhoria da formação desse profissional logo na graduação, diminuindo assim, o distanciamento da formação inicial com a prática do ensino de História.

A pesquisa não está concluída, as observações continuam e a observação de ementas e programa do curso História favorecerá conclusões mais concretas com relação aos objetivos pretendidos pelo pesquisador que é a relação do currículo proativo com o currículo interativo que podem ser transformados em boas perspectivas ou desafios para o profissional de História.

Referências

BARROS, José D'Assunção. **O campo de História: especialidades e abordagens**. Rio de Janeiro. 2004, p.18.

BITTENCOURT, Circe. (Org.) 11. Ed., 4ª reimpressão _ São Paulo: Contexto, 2010 – (Repensando o ensino).

CANDAU, Vera Maria (Org.) **Rumo a uma nova didática**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Cortez, 2001. 174 p.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da pesquisa educacional**.7. ed. São Paulo:

FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e prática de ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

FONTANA, Joseph. **A História dos Homens**. Tradução de Heloisa Jochims e Marcelo Fernando da Costa; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP: EDUSC. 2004.

GUIMARÃES, Selva Fonseca. **Caminho da história ensinada**.6. ed. Campinas: <http://pt.scribd.com/doc/8591221/A-Formacao-do-Professor-de-Historia-Lucia-Maria-da-Silva> Papirus, 2001. 169 p

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **A hora da prática: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente**/Maria do Socorro Lucena Lima. – Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001.

Parâmetros curriculares nacionais para o ensino médio PCN+ Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília/D.F: MEC – Secretaria de Educação Média e Tecnológica (SEMTEC), 2002.

SANT'ANA, I.M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e Instrumentos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SILVA. Lúcia Maria da.<http://pt.scribd.com/doc/8591221/A-Formacao-do-Professor-de-Historia-Lucia-Maria-da-Silva> Acessado em 05/11/2011.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.